

ÍNDIOS CONDURI: SOB O OLHAR DE VIAJANTES E MISSIONÁRIOS NA AMAZÔNIA COLONIAL

CONDURI INDIANS: UNDER THE EYES OF TRAVELERS AND MISSIONARIES IN THE COLONIAL AMAZON

Luis Paulo dos Santos de Castro

<prof.castro89@gmail.com>

Mestrando em Ciências da Religião (PPGCR), Movimentos e Instituições Religiosas

Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém, Pará, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/5493763643153670>

RESUMO

O presente artigo objetiva analisar as representações feitas pelos viajantes e missionários na Amazônia dos séculos XVI a XVIII, a respeito de uma grande nação indígena chamada Conduri. Foram estudados os relatos de Gaspar de Carvajal, Critóbal de Acuña, Mauricio Heriarte e João Felipe Bettendorff a partir da perspectiva teórica do conceito de cultura do historiador Roger Chartier, que entende cultura como representação e apropriação, principalmente dentro do mundo da escrita e da leitura. Para o estudo do território dialogamos com a história e arqueologia; esta última aponta a cerâmica arqueológica Konduri como possível cultura material dos índios Conduri, que os viajantes localizaram ao longo do Rio Trombetas e Nhamundá, afluentes do Rio Amazonas, território este utilizado por estes índios de forma muito diversa, ocupando as margens dos rios, áreas interfluviais, terra firme e até a base e o topo de platôs. A pesquisa demonstrou a construção da imagem de bárbaros e selvagens construída pelos europeus a respeito dos povos indígenas e a influência que esses grupos indígenas tiveram na construção dos aldeamentos que mais tarde se tornaram vilas e cidades importantes no Baixo Amazonas. Além das pistas encontradas sobre a origem do nome Conduri, como sendo o nome de um fruto chamado cunuri, presente em alguns mitos do povo indígena Dessana do Alto Rio Negro.

PALAVRAS-CHAVE: Indígenas; viajantes; território; Amazônia.

ABSTRACT

This article proposes to analyze the representations about amerindian nation called Conduri made by travelers and missionaries in the colonial Amazon of the sixteenth to the eighteenth centuries. The reports of Gaspar de Carvajal, Critóbal de Acuña, Mauricio Heriarte and João Felipe Bettendorff were studied from Roger Chartier perspective, who understands culture as representation and appropriation, mainly within the universe of writing and reading in human history. For the study about territory we dialogued with history and archeology, that point out Konduri archaeological ceramics as possible material culture of Conduri indians, where the traveler reports located in Trombetas and Nhamundá rivers, tributaries of the Amazon river. That space area was used by these indians in a very different ways, using the margin rivers areas, solid ground and even in plateaus bases and top areas. The research demonstrated the construction of barbarians image and savages built by the Europeans regarding the indigenous peoples and the influence that these indigenous groups had in the construction of the settlements that later became important towns and cities in the Lower Amazon. Besides the clues found on the origin of the name Conduri, as being these, the name of a fruit called cunuri, is present in some myths of the indigenous people Dessana of the Upper Rio Negro.

KEYWORDS: Indians; Travelers; Territory; Amazon.



INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é compreender como o grupo indígena Conduri (Konduri)¹ foi representado nos relatos de viajantes e missionário na Amazônia, entre os séculos XVI e XVIII. Aprofundando-nos em questões de denominação desse grupo indígena, seu território e suposta cultura material²; esta última corresponde à cerâmica arqueológica, que pode ser utilizada pela historiografia e arqueologia como um indicador de território, ou seja, antigas áreas de habitação ou manejo deste grupo indígena.

Os termos índios Conduris, Cunuris ou Condurizes, foram utilizados pelos viajantes e missionários nos relatos e crônicas sobre o vale amazônico, por se localizarem na foz de um rio de mesmo nome, que desemboca no rio Amazonas, hoje este rio é chamado de rio Nhamundá. Nestes relatos e crônicas, os Conduri foram chamados de bárbaros, foram identificados como produtores de belas cerâmicas e possuíam uma estrutura política ou social semelhante à dos Tapajó, outro grupo indígena que vivia no rio Tapajós, afluente do rio Amazonas.

Assim como a famosa cerâmica arqueológica tapajônica é associada aos índios Tapajó, que receberam esse nome por terem vivido às margens do rio de mesmo nome, os Conduri, também foram relacionados ao rio homônimo durante o século XVI ao XVIII, e atualmente os estudos arqueológicos nas áreas próximas ao rio Nhamundá, mais especificamente na área entre os rios Trombetas e Nhamundá, encontraram-se diversos artefatos³ arqueológicos cerâmicos e líticos⁴, que foram associados aos Conduri, sendo estes atualmente chamados de material arqueológico Konduri, que possuem uma estética similar a dos Tapajó, com decoração inciso-ponteadada e decoração com apêndices zoomorfos e zooantropomorfos⁵.

Os estudos arqueológicos aqui se tornam de grande relevância para melhor identificarmos a área territorial ocupada no passado por este grupo indígena, dialogando com as informações sobre o território dos Conduri nos relatos dos viajantes e missionários. Ou seja, será

¹ Hoje a arqueologia amazônica denomina como Konduri a cultura material encontrada nestas regiões. Porém, pouco se sabe sobre o grupo indígena que batiza estes artefatos arqueológicos.

² Suposta por ainda haver um debate sobre a origem étnica de outras cerâmicas (Pocó e Globular) nas mesmas regiões que a classificada como Konduri, porém com aspectos estilísticos e até datações diferentes.

³ Por artefato arqueológico entende-se como tudo o que foi manipulado pelo ser humano, como exemplo, temos os vasos cerâmicos, lâminas de machado, contas de colares, e até mesmo a paisagem de um ambiente.

⁴ Instrumentos, como lâmina de machadinho, ponta de flecha ou lança, feitos de quartzo, sílex e outros minerais manipulados pelo homem.

⁵ Formas de animais e humanas e animais simultaneamente.

feita uma relação sobre como os europeus entendiam os Conduri e seu território, e como os indígenas usavam o seu próprio território segundo as evidências arqueológicas.

A estrutura deste artigo se inicia com a apresentação do aporte teórico e metodológico, seguido por um debate a respeito da mentalidade europeia no período colonial. Após isto, iniciamos a análise dos relatos e crônicas do frei Carvajal, Acuña, Heriarte e Bettendorff, entre outros citados pela bibliografia. Seguimos com o debate a respeito do território e em último momento, debatemos e levantamos hipóteses a respeito do uso do termo Conduri.

CULTURA E TERRITÓRIO

Como esta pesquisa parte do estudo de relatos escritos dos séculos XVI, XVII e XVIII, é necessário conceituar cultura para entendermos como foram construídos vários discursos empregados pelos europeus na sua visão de mundo. Então aqui, se entende cultura como um processo construído como representação e apropriação, entendimento este proposto por Roger Chartier (1990, p. 16). No sentido deste trabalho, entendemos a representação social como a exibir uma presença apresentada ao público ou a alguém, especificamente como coisa ou alguém. Ou seja, neste estudo específico, um missionário irá apresentar em um documento um grupo indígena do vale amazônico como lhe for mais interessante diante de seu entendimento de mundo e de suas obrigações sociais. A cultura estabelece e modifica parâmetros sociais movidos por interesses distintos, oriundos de todos os grupos que fazem parte de um mesmo complexo cultural, nacional ou étnico.

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação (CHARTIER, 1990, p. 17).

Desta forma, entendemos que a cultura se manifesta a partir de influências de diversos grupos sociais, objetivos, interesses coletivos e individuais. Sendo assim, ao lermos documentos do século XVI sobre o processo de colonização na Amazônia, devemos entender primeiramente os objetivos dos autores, dos destinatários e como se dava o contexto cultural e social do período.

Sobre a apropriação, esta se dá como a produção de uma imagem ou texto que se transmuta em algo que não corresponde à realidade de sua origem; ou seja, Frei Carvajal⁶ se apropriou do entendimento de sua cultura europeia e o imaginário sobre as mulheres guerreiras amazonas (SOUZA, 2003) e as transformou na imagem que este queria passar sobre grupos indígenas da Amazônia, para que o seu relato alcançasse determinados interesses individuais e como colonizador diante da Igreja e da Coroa espanhola.

Com isto, podemos perceber que os viajantes dos séculos XVI ao XVIII possuíam uma bagagem cultural europeia que utilizaram para descrever as diversas populações indígenas que estes encontraram, tendo sido o encontro destas culturas diferentes um verdadeiro choque, onde os europeus ao observarem os nativos elaboraram representações destes povos, com uma tradução baseada na visão de mundo fundada em uma cultura mercantilista e imperialista. Noções do imaginário e da linguagem renascentista e até mesmo ainda medievais permeiam os documentos, como as recorrentes expressões usadas⁷: província, para abordar o território de um determinado grupo; vassalo; senhor ou senhora; termos utilizados pelos europeus para demonstrar supostas estratigrafias sociais. Também é recorrente o uso do termo contrato, para abordar as trocas materiais e intercâmbios comerciais entre os vários grupos indígenas do vale amazônico.

A produção da cerâmica por parte dos indígenas é destacada nos relatos históricos e encontrada em escavações arqueológicas (GOMES, 2002; GUAPINDAIA, 2008) e exprime interesses destes grupos indígenas em manifestar materialmente suas culturas de forma estética, porém esta materialidade não limita as possíveis funções sociais destes objetos. Por isto, entendemos cultura material como materialidade, sendo um atributo inerente da cultura, que porém não esgota o objeto culturalmente considerado. O universo material não se situa fora dos fenômenos sociais de um grupo, mas sim faz parte dele como uma de suas dimensões (REDE, 1996, p. 265-282).

Pedro Paulo Funari (PINSKY, 2006, p. 81-107) apresenta questões sobre a problemática de se trabalhar em História com fontes arqueológicas, sendo que a sociedade a ser trabalhada não deixou vestígios escritos sobre ela mesma, deve-se proceder de início da pesquisa, pela busca de ferramentas interpretativas. Diz que as teorias sociais são imprescindíveis para tal, onde as fontes só se tornam úteis como fatos históricos quando o historiador as submeter ao aporte teórico que

⁶ Frei que registrou no século XVI a viagem pelo “rio das amazonas” com Francisco de Orellana, no trajeto de Quito até o Atlântico; algo que será melhor abordado mais a frente.

⁷ Cada termo destes será abordado mais detalhadamente e com suas respectivas referências, mais a frente neste texto.

este possua. Além disso, o que o autor aponta de mais intrigante é certa obrigação que o pesquisador tem em abordar contradições entre as fontes, se estas apresentarem tal situação, uma não se torna exatamente auxiliar da outra, não com o intuito de complementar e sim de trabalharem juntas.

Outro conceito a ser abordado é o de território, que compartilhamos com Luciana Oliveira (2010, p. 28-29) o entendimento deste como possuidor de identidade, gerada pela coletividade que nele vive ou produz, indo para além do espaço físico. O território é fruto da produção humana, onde há a dominação do espaço, e da produção cultural associada a este espaço (neste caso os artefatos arqueológicos que incluem também a manipulação da paisagem). Dentro de nosso trabalho isto será utilizado para entendermos como os europeus viam o território dos indígenas Conduri e como os indígenas se utilizaram deste.

O IMAGINÁRIO QUE ATRAVESSOU O OCEANO

A pesquisadora Laura Souza (2003, p. 29) destaca que a época das grandes navegações e da conquista⁸ da América é caracterizada por uma religiosidade exacerbada, e por utópicas buscas de terras ricas em ouro e especiarias, viagens repletas de monstros e aventuras. O homem selvagem também não era tema novo, possuindo raízes no mundo antigo (Ibidem, p. 54). Este homem selvagem medieval emprestou muito de suas características aos ameríndios. O mítico permeava o imaginário dos viajantes do século XVI e XVII (UGARTE, 2003), pois o Novo Mundo estava às margens do Velho Mundo, um mundo civilizado e cristão. Portanto os ameríndios, devido à nudez, guerras e ritos antropofágicos⁹, vistos como canibalismo, foram considerados selvagens ou bárbaros, termo este oriundo da antiguidade clássica que classificava assim todo aquele que não conhecia o poder centralizado, não falava grego e não habitava a polis (cidade-estado grega), estas seriam características do homem civilizado (FREITAS, 2011). O termo bárbaro, também era muito empregado pelos missionários, pois estes viam além das guerras e nudez dos indígenas, a adoração

⁸ Segundo CUNHA (1992, p. 12-13) o termo contato não passa de um “eufemismo envergonhado”, por isso deve-se utilizar o termo conquista no sentido de que houve sim imposição de poder através da violência e política, houve escravidão e extermínio de muitos grupos indígenas. Porém isto não quer dizer que os indígenas não foram agentes de sua história e o ainda são, e nem que devam ser vistos apenas na posição de resistência; não atribuindo a ideia de que foram responsáveis pelo seu destino de sofrimento, longe disto.

⁹ Ritos ou cerimônias onde um prisioneiro de guerra era executado e comido para fins simbólicos. Muito comum em grupos indígenas como os Tupi-Guarani.

de ídolos ou a chamada muitas vezes de idolatria como sinal de selvageria e adoração ao diabo (VAINFAS, 1990).

O mito do El Dorado é um dos mais presentes nos relatos e crônicas de viajantes do século XVI e XVII. A ideia dos europeus em encontrar nas margens do mundo, ou seja, nos locais longínquos, cidades repletas de ouro, de prata, pedras preciosas e riqueza proveniente das especiarias naturais que brotariam da terra em abundância, era muito motivado. Este imaginário alcançou a América durante as grandes navegações e certos artefatos em ouro, prata, bronze e jade, produzidos e utilizados pelos ameríndios de áreas andinas excitou o imaginário do El Dorado no Velho Mundo.

Os vários povos da América Central e do Sul, no Peru e Colômbia, possuíam enfeites corporais e outros objetos feitos destes materiais¹⁰; porém nada comparado a uma cidade feita de metais preciosos. As regiões mais próximas do vale amazônico incitavam na mente dos viajantes a possibilidade do mito ser real, e que se localizava mais ao interior das florestas, o que incentivou, além da procura por mão de obra escrava e de exploração de novos territórios, buscas pelo El Dorado, assim como o mito das amazonas que será abordado mais a frente (UGARTE, 2003).

Com isto, podemos entender um pouco sobre que tipo de imaginário e bagagem cultural os conquistadores trouxeram consigo, e que sustentaram os discursos eurocêntricos presentes nos relatos e crônicas, tanto dos viajantes quanto dos missionários que evangelizaram os grupos do vale amazônico.

OS CONDURI PARA OS VIAJANTES E MISSIONÁRIOS

Começamos pelo relato do Frei Gaspar de Carvajal em busca da Terra das Canelas entre 1541-42. O frei dominicano saiu de Quito, na expedição de Gonzalo Pizarro, com muitos soldados a cavalo, lhamas e escravos indígenas; porém o grande grupo se dividiu no rio Coca, com o intuito de conseguirem recursos alimentícios, pois passavam fome na floresta. Um grupo maior saiu por terra e o outro, liderado por Francisco de Orellana, por água, descendo o rio Negro e Amazonas até alcançar o Atlântico.

¹⁰ Haviam artefatos indígenas feitos de ouro, jade, bronze e prata na região da Colômbia e Peru, hoje, muitos destes expostos no Museu do Ouro em Bogotá. Talvez por isso a busca por mais ouro ao leste dos Andes, em direção das florestas, como um reino escondido. Ver mais em SHIMADA & GRIFFIN. Os objetos preciosos do Sicán médio. Scientific American Brasil. Edição especial. Nº 10, p. 36-45.

Carvajal faz diversas observações sobre os povos que encontraram na expedição. A descrição temporal de Carvajal é marcada por datas relacionadas aos dias religiosos católicos, além de citar algumas coisas encontradas nas aldeias indígenas, normalmente faz referência a objetos ou até nomes de animais só existentes na Europa ou na já conhecida África, como o termo Leão (MARTINS, 2007; PORRO, 1996). Isto demonstra a bagagem cultural expressa nas representações e apropriações existentes nos documentos. O trecho abaixo, do relato que nos diz respeito no momento, é o do fantástico encontro com as mulheres guerreiras, às chamadas por ele de amazonas, fazendo clara apropriação do mito grego das guerreiras amazonas, estas que viveriam em uma terra autônoma apenas habitada por mulheres. Este aspecto mítico já foi muito debatido na historiografia (CAMILO, 2011; SOUZA, 2003/ UGARTE, 2003). Porém podemos analisar alguns aspectos que nos dizem respeito em relação aos Conduri.

Primeiramente o local do encontro é entendido pela literatura como o Rio Amazonas, no trecho entre Parintins e Óbidos (GUAPINDAIA, 2008; PORRO, 1996), local onde existem vários sítios arqueológicos, sendo a maioria deles classificados como Conduri (Konduri), que possuem datação do século X ao XV (MAGALHÃES, 2009, p.32). Esta região foi entendida por Carvajal, como uma grande província. Além de que, o frei já havia ouvido falar de mulheres guerreiras ainda em Quito, e teriam sido alertados por grupos indígenas anteriores sobre os perigos que encontrariam ao seguirem o curso do rio.

Depois de passarem por vários outros assentamentos indígenas, os viajantes se encontram no trecho entre Parintins e Óbidos, ou seja, onde deságua o rio Nhamundá e Trombetas:

Jueves siguiente pasamos por otros pueblos medianos y no curamos de parar allí. Todos estos pueblos son estancias de pescadores de la tierra adentro. Desta manera íbamos caminando buscando un apacible asiento para festejar y regocijar la fiesta del bienaventurado San Juan Bautista, precursor de Cristo; y quiso Dios que, en doblando una punta que el río hacía, vimos en la costa adelante muchos y muy grandes pueblos que estaban blanqueando. Aquí dimos de golpe con la buena tierra y señorío de las amazonas.

Estos pueblos, ya dichos, estaban avisados y sabían de nuestra ida, de cuya causa nos salieron a recibir al camino por agua, no con buena intención y, como llegaron cerca del capitán, quisieron traellos de paz, y así los comenzó a hablar y llamar, pero ellos se rieron y hacían burla de nosotros e se nos acercaban y decían que anduviésemos, que allí abajo nos aguardaban, y que allí nos habían de tomar a todos y llevar a las amazonas (CARVAJAL, 2011, p.50).

O interessante deste trecho é que o próprio Carvajal percebe que a área ribeirinha por onde passaram eram portos pertencentes aos moradores que estavam mais ao interior da mata. Os

européus se depararam com um grande número de indígenas nas margens, que foram aumentando a cada instante e que em uma comunicação entre Orellana e os indivíduos que se aproximavam, por canoas nos furos d'água, os europeus alegaram terem entendido que seriam feitos prisioneiros e levados até as tais amazonas. Orellana avançou, tentando chegar a terra, e o número de canoas cresceu se aproximando, além de outros indígenas chegando ao local por terra, até que o combate aconteceu. Carvajal descreve uma "chuva de flechas" cair sobre os europeus, porém estes conseguiram se defender.

Os indígenas eram numerosos, chegaram a matar alguns soldados antes mesmo de descerem em terra, Carvajal foi ferido neste combate. Tentaram voltar o mais rápido possível à embarcação, foram perseguidos por água, quase uma hora de tempo.

O interessante é que depois do embate violento, Carvajal tentou explicar o porquê os indígenas se defenderam com tanta fibra. Pois estes estavam sobe comando das guerreiras amazonas.

Quiero que sepuncual fue la causa porque estos indios se defendían de tal manera. Han de saber que ellos son sujetos y tributarios a las amazonas y, sabida nuestra venida, vanles a pedir socorro, y vinieron hasta diez o doce, que éstas vimos nosotros, que andaban peleando delante de todos los indios como capitanas, y peleaban ellas tan animosamente que los indios no osaban volver las espaldas y, al que las volvía, delante de nosotros le mataban a palos. Y esta es la causa por donde los indios se defendían tanto.

Estas mujeres son muy blancas y altas, y tienen muy largo el cabello y entrenzado y revuelto a la cabeza y son muy membrudas y andan desnudas en cuero, tapadas sus vergüenzas, con sus arcos y flechas en las manos haciendo tanta guerra como diez indios, y en verdad que hubo mujer destas que metió un palmo de flecha por unos de los bergantines y otras qué menos, que parecían nuestros bergantines puerco espín (Ibidem, p.51 e 52).

Carvajal continuou o relato afirmando que conseguiram derrubar sete dessas mulheres, e por isso conseguiram vencer, porém o perigo se aproximava, pois outras canoas vieram acudir os indígenas daquela área, mas os europeus conseguiram escapar, e nas palavras do frei dominicano, foi graças aos objetivos nobres de sua expedição. Percebemos o discurso heroico a favor de Orellana e da Igreja como sustentáculo moral e até sobrenatural da expedição.

Os espanhóis passaram por outros povoados e dias depois, com mais calma, Orellana, segundo Carvajal, preparou um breve vocabulário para interrogar um indígena capturado. Após isso, segue uma descrição sobre como seriam as terras para além da área ribeirinha, onde Carvajal

afirmou que o indígena relatara que eram mulheres sem maridos, que estavam terra adentro e que existiam aproximadamente setenta cidades, que se ligavam por caminhos cercados e que eram guardados em alguns trechos.

O prisioneiro relatou que estas mulheres que guerreavam possuíam uma senhora suprema chamada Coñori, e que em suas terras existiam muitas riquezas, ídolos de ouro e prata, além de cidades que cultuavam divindades solares.

Dijo más, que entre todas estas mujeres hay una señora que es subjeta y tiene todas las demás debajo de su mano y jurisdicción, la cual señora se llama Coñori. Dijo que hay muy grandísima riqueza de oro y de plata y que todas las señoras principales y de manera, no es otro su servicio sino oro o plata, y las demás mujeres plebeyas se sirven en vasijas de palo, excepto lo que llega al fuego, que es barro. Dijo que la cabecera y principal ciudad de donde reside la señora, hay cinco casas muy grandes que son adoratorios y casas dedicadas al sol, las cuales ellas llaman Caranain, y estas casas por dentro están de suelo hasta medio estado en alto, planchadas [...] y los techos aforrados de pinturas de diversos colores y que en esta casa tienen muchos ídolos de oro y plata en figura de mujeres y mucha cantería de oro y de plata para el servicio del sol y andan vestidas de ropa de lana muy fina, porque en esta tierra hay muchas ovejas de las del Perú: su traje son unas mantas ceñidas desde los pechos hasta abajo, encima echadas y otras como manto abrochadas por delante con unos cordones; traen el cabello tendido en su tierra y puesta en la cabeza unas coronas de oro, tananchas como dos dedos y aquellos sus colores (Ibidem, p. 57).

Na primeira parte do trecho acima, além do apelo ao El Dorado, instigando futuros viajantes a procura de riquezas, percebe-se que é possível fazer relação ao nome do grupo indígena Conduri com o nome da dita senhora, pois Coñori pode bem ser Cunuri ou Conduri, como outros viajantes se referiam ao nome do rio que hoje conhecemos por Nhamundá, e de mesmo nome era o grupo indígena que vivia na boca deste rio e mais adentro, em terra firme.

Desta forma, percebemos o início da denominação do povo indígena da região do rio Nhamundá e Trombetas, os Conduri, que em primeiro momento são representados como sendo subordinados ou aliados às guerreiras amazonas, por serem guerreiros temíveis.

Além do que, no resto do relato, Carvajal destaca muito as riquezas materiais dos povos que são descritos, mais semelhantes aos povos andinos do que os presentes no vale amazônico, falando sobre casas de pedra, roupas longas, muito ouro e outras riquezas. Sendo a jornada de Orellana perigosa por enfrentar povos hostis, na visão dos europeus, e lucrativa ao rastrear riquezas em potencial.

Partimos agora para o relato do jesuíta Christóbal de Acuña. Este documento foi escrito porque em 1637, Pedro Teixeira, juntamente com setenta portugueses e 1.100 indígenas, distribuídos em várias canoas, saíram de Gurupá até Quito, mapeando a área percorrida. Na viagem de volta deveriam reivindicar terras em nome da Coroa de Portugal. Os espanhóis com receio de perderem território mandaram dois jesuítas com a expedição de regresso, Acuña e Andrés Artieda (MARTINS, 2007).

Em 1639, Acuña apresentou-nos o relato chamado de *O novo descobrimento do rio das Amazonas*; onde descreveu em linhas gerais as nações indígenas e seus costumes, formas de alimentação e a geografia da região. Afirmou que os nativos eram muito inclinados às bebedeiras, e faziam vinhos de várias frutas, o que procede em outros relatos, porém sua intenção é de diminuir a civilidade¹¹ dos nativos, a intenção era descrevê-los como primitivos e selvagens.

Além disso, citou os Conduri como um povo que vivia no rio Cunuris ou Conduris, que seria também o nome do grupo indígena em sua foz, na localidade onde hoje é o rio Nhamundá (PORRO, 1996). Rio acima, estavam os Apantos, que falavam a língua geral¹², os Taguaus e depois os Cacará ou Guayearas, em um suposto contato direto com as Amazonas.

Acompanhando a viagem de Pedro Teixeira, estava também Maurício de Heriarte, que escreveria somente em 1662 sua crônica. Heriarte também classificou, assim como Acuña, os Conduri como grandes ceramistas, mas selvagens, canibais e beberrões, representando-os como não civilizados, o que justificou a escravidão e catequizações, muito comum em todo o processo de colonização das Américas. É possível entender mais aprofundadamente esse debate na obra *O Diabo e a Terra de Santa Cruz* de Laura de Melo e Souza (2003), que coloca esta representação, muitas vezes até da simples nudez, entendida como selvageria pelos missionários e viajantes na América, e principalmente da Amazônia.

Como já foi dito, a região do Nhamundá e Trombetas, foi estudada pela arqueologia e caracterizada como área Konduri (HILBERT, 1955; GUAPINDAIA, 2008). O relato de Heriarte aponta a mesma região, mas também aponta à existência de aldeias Conduri ao lado sul do rio Amazonas, já na província dos Tapajós, e principalmente pela utilização das terras às margens do rio e mais ao

¹¹ No sentido de civilização cristã europeia.

¹² Nheengatu, uma língua comum, proveniente do Tupi, criada por padres para se comunicarem com os indígenas. Neste caso pode ser entendido como indígenas que aprenderam a língua geral realmente ou que teriam a língua proveniente do tronco Tupi, algo que poderia ser entendido pelos portugueses e espanhóis.

interior, ocorrendo uma possível relação interaldeias. O que nos remete a discussão sobre território, que abordaremos no tópico seguinte.

A historiografia já debate o quanto as nações indígenas se modificaram devido as constantes empreitadas civilizatórias e escravistas dos portugueses contra os indígenas, sem falar na dizimação por epidemias (COELHO, 2008, p. 65-92). Entre 1640 e 1720 as tropas de resgate e as expedições punitivas assolaram o médio Amazonas e seus afluentes (PORRO, 1996). Em 1889 e 1891, Samuel Fritz constatou o despovoamento das regiões dos grupos Tapajó, Conduri, Tupinambarana e Arawak. Aldeias vazias, queimadas, e alguns grupos sobreviviam através dos aldeamentos missionários, porém sua cultura foi desmembrada e resignificada pela catequização, escravidão e alianças políticas.

Entre os anos de 1660 e 1698, com algumas interrupções, o jesuíta João Felipe Bettendorff atuou nas províncias do Maranhão e Grão Pará. Em suas crônicas detalhou sobre os indígenas com quem mais entrou em contato, os Tapajó, porém abordou os Conduri brevemente. Informa que em 1658 o padre Manoel de Souza, juntamente com o padre Manoel Pires, foram enviados como missionários para catequizar na região setentrional, os Aruaquis, Tupinambaranas e os Conduri, até que o padre Souza veio a falecer:

[...] em uma aldêa dos barbaros Condurizes [...] Foi enterrado em uma igreja que os indios mesmo lá fizeram, em reverencia de seu corpo [...] morreu e se enterrou em os Condurizes, donde depois de muitos annos trouxe os seus ossos Simão dos Santos, sendo subprior da casa de Santo Alexandre do Grãopará, onde se enterraram na ermidazinha velha de S. Francisco Xavier [...] (BETTENDORFF, 1910 apud GUAPINDAIA, 2008, p.15).

Os padres, Salvador do Valle, junto com Paulo Luiz, ficaram no aldeamento dos Pauxis, na zona onde depois se levantou a vila de Óbidos. Entre 1669 e 1674, Bettendorff foi superior da Missão da Companhia de Jesus do Maranhão e Grão Pará, e visitou a aldeia dos Conduri:

[...] fui-me aos Condurizes, da banda de além, pois pertenciam á visita do Padre Antonio da Fonseca. Muito me agradou a entrada para aquelle rio, e o rio não é só por grande e claro, mas por muito alegre, por suas bellas praias de arêa e lindos outeiros, que de uma e outra banda o acompanham. Queria ir velo até as cabeceiras, mas como achei ausente o principal, ido com a tropa do cabo João de Seixas, e a aldêa desamparada toda, sem igreja, por andarem os indios continuamente divertidos, fiquei obrigado a dizer missa em praia a alguns brancos, que lá achei, os quaes me fizeram presentes de uns passaros de muita variedade, de bellissimas cores, chamados aráras, que se acham naquella terra dos Condurizes, mais engraçados que em outras terras [...] (Ibiden, p. 16).

Note-se que já surge aos poucos o aldeamento missionário dos Conduri, onde estes foram catequizados. Em 1693, os capuchos da piedade se tornaram responsáveis pelas missões do Tombetas e Jamundazes, nome deste último dado em homenagem a um cacique cooperativo aos interesses dos missionários daquela região (PORRO, 1996). Aqui é possível notar tal cooperação como uma estratégia política entre grupos indígenas e europeus.

Os assentamentos religiosos se efetivaram onde se ergueram o forte dos Pauxis (Óbidos¹³) fundado em 1697. Além da missão dos Jamundazes em Faro, ou chamada de missão São João Batista e que depois seria chamada de Nhamundá, como o nome do rio, que mudou de Cunuri para Jamundá.

Estes aldeamentos consistiam em aglomerar indígenas de diferentes etnias a fim de catequiza-los, o que desarticulou tradições sociais, hábitos e crenças desses grupos. Tornavam-se ainda trabalhadores, como carpinteiros, oleiros, agricultores, soldados entre outras atividades, tudo como processo do discurso civilizatório cristão e para o desenvolvimento dos vilarejos e fortes que se desenvolviam na região amazônica como um todo (SOUZA JUNIOR, 1993). Assim como também foram estratégias de sobrevivência dos grupos indígenas, diante das constantes epidemias e investidas escravistas dos europeus. Alguns grupos indígenas escolhiam abandonar as aldeias mais próximas das margens dos grandes rios e se retiravam para o interior da floresta, e outros grupos se aliavam aos missionários em aldeamentos.

Segundo Arthur Cezar Ferreira Reis, em seu livro sobre a história de Óbidos (1979), em 1693 os padres capuchos da Piedade, vão à região do rio Trombetas a pedido de Manuel Guedes Aranha, Capitão-Mor de Gurupá. Montaram aldeamento ao estilo das outras ordens evangelizadoras, segue a informação de Reis:

Em 1697, dois frades da Piedade, cujos nomes não constam da documentação de que nos temos valido, organizaram o aldeamento dos Pauxis e de outros grupos que foram sendo buscados para aumentar o povoado, nascente a sombra do forte, a meia hora de distância do qual foi instalado (REIS, 1979, p.26).

Arthur Reis nos da informação que “Só em 1727, com a ajuda do comandante do forte de Pauxis, converteram 15 tribos no Trombetas” (Ibidem, 1979, p. 26). Também nos coloca que na correspondência oficial, Pauxis-aldeia era chamada de aldeinha, para diferenciar o aldeamento dos

¹³ Óbidos se destacou pela posição estratégica, se localizando no ponto mais estreito do rio Amazonas, e por possuir um terreno elevado, sendo a famosa “sentinela” da Amazônia. A respeito do forte, sabe-se que foi construído para proteção e fiscalização dos holandeses e franceses, passando também a servir de órgão fiscalizador das entradas e saídas comerciais; como as das drogas do sertão (canela, cravo, ervas medicinais, tabaco, etc).

missionários dos assentamentos indígenas comandados pelos militares nas proximidades dos presídios, que se utilizavam desses indígenas como força de trabalho.

Segundo frei Venâncio Willeke (1978, p.149) em 1720, o forte e seu aldeamento (aldeinha) eram povoados pelos índios “Pauxis, Arapiu, Coriati e Candori”. Creditamos que os chamados “Candori” seriam uma corruptela da palavra Conduri.

João Barbosa de Faria explica sobre a concentração de indígenas Uaboí, no baixo-Jamundá, como tendo sido provocada pelos Pauxi, que em sua missão resistiram aos abusos cometidos pelos militares e missionários, refugiando-se entre os Uaboí, tendo originado a vila de Faro, respeitada no comércio por sua produção de olaria. Aqui se mantém mais uma vez o destaque dos grupos indígenas dessa região como grandes ceramistas, mesmo nos aldeamentos as habilidades tradicionais desses grupos se mantinham em destaque.

Peter Hilbert (1955), arqueólogo, observa que Curt Nimuendajú, apresenta o nome Pauxis, como sendo de origem caribe, que significaria mutum (um pássaro do tamanho de um pavão comum na região), e que segundo Bettendorff, seriam indígenas que falavam a língua geral e haviam sido retirados do rio Xingu e transportados ao forte, no rio Trombetas. Diz-nos também que, houve duas aldeias próximas ao forte, que se fundiram. O Padre Fritz, fala sobre o grupo dos Cunurizes (Conduri), e os localizava em seu mapa exatamente onde seis anos depois, se construiu o forte dos Pauxis (HILBERT, 1955).

As políticas de desenvolvimento dos aldeamentos em vilas, implantadas através da força e negociação, pelo Governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado, fragilizou o poder das instituições religiosas missionárias e elegeram diretores responsáveis pelos indígenas, o que causou alguns conflitos, por estes diretores e militares explorarem os indígenas como força de trabalho barata ou escrava. Desta forma, houve muito sangue e violência, os aldeamentos foram desfeitos por conflitos e em 1754 muitos indivíduos da vila dos Pauxis refugiaram-se entre os indígenas do rio Negro ou se deslocaram para outras áreas formando mocambos (REIS, 1979).

Antônio Porro (2008) publicou um artigo, que apresenta uma relação do frei Francisco de São Manços que em 1725 foi responsável pelo aldeamento dos Jamundás, onde seria, mais tarde a vila de Faro, com 162 indígenas da nação Bahui (Uaboí) e 70 da nação Nhamundá do rio homônimo. Em 1728, relata empreitadas em busca de indígenas incógnitos nas regiões do rio Trombetas e Mapuera, onde este frei, foi instigado por indígenas Uaboí, sobre a existência de cerca de 50 nações das cachoeiras do Trombetas em direção ao rio Mapuera.

Estes detalhes foram destacados, como forma a demonstrar a quantidade e diversidade de grupos indígenas na região trabalhada e em suas proximidades e da diferenciação entre os Uaboí e Nhamundá (supostamente Conduri), além de explicitar o intuito das missões de absorver mais grupos indígenas aos aldeamentos.

Com isto, notamos que no século XVIII, diferente dos séculos XVI e XVII, a região onde se localizava os Conduri perdeu a característica “identitária” deste grupo específico, devido à mistura de vários grupos indígenas de diferentes regiões concentrados nos aldeamentos e fortes. Áreas que antes se designavam pelo nome dos rios passam a ser chamados pelos nomes das missões. Porém sabe-se que o grupo Conduri estava aldeado na missão dos Pauxis, em considerável menor número.

Sobre os Conduri, só foi encontrada a referência de terem tido estrutura social e tradição ceramista/estilística semelhante aos Tapajó. Sabe-se através das fontes históricas que os Tapajó se organizavam em casas comunais, aldeias formadas entre 20 e 30 famílias. Os grupos familiares possuíam uma liderança e um líder geral para todos os grupos familiares. Existiam caminhos que interligavam as aldeias, já estudados pela arqueologia, caminhos com aproximadamente um metro e meio de largura e 30 cm de profundidade (GUAPINDAIA, 1993; 2008; PORRO, 1996). Devido à existência de 120 sítios arqueológicos na área do Nhamundá-Trombetas, com a presença de cerâmica de mesma característica plástica e tecnológica, imagina-se que esses caminhos também existiam interligando as aldeias Conduri, o que também foi apresentado no relato de Carvajal.

Ainda não é possível dizer, como os Conduri viveram, como eram seus ritos e cerimônias, ou sua língua, por isso este artigo objetiva trabalhar com a visão dos viajantes sobre este grupo, dialogando com a arqueologia, que não pode ser ignorada, já que confirmou a existência, no passado, de grupos indígenas de grandes dimensões territoriais na mesma área apontada pelos viajantes.

TERRITÓRIO CONDURI ENTRE ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA

A questão do território indígena é destacada como um tema a ser abordado na forma de diálogo entre disciplinas, por ser possível analisarmos como os viajantes entendiam o território Conduri, e como a arqueologia hoje entende através da cultura material. Lembrando que segundo estudos arqueológicos os sítios Conduri (Konduri no termo arqueológico) da região em questão datam do século X ao XV (MAGALHÃES, 2009; 2013; GUAPINDAIA, 2008) e os viajantes e

missionários apontaram a existência do grupo Conduri nos séculos XVI ao XVIII, sendo que já no século XVIII esse grupo parece estar praticamente dizimado e os indígenas que sobraram estavam aldeados no Forte dos Pauxis em Óbidos ou no aldeamento de Faro. Além de encontrar-se apenas no relato de Heriarte a menção sobre ter existido um assentamento Conduri ao lado sul do rio Amazonas.

Estas informações são recentes na arqueologia, sobre terem existido aldeias Conduri (Konduri) ao lado sul do rio Amazonas, já na província dos Tapajó, pois ainda não foram realizadas pesquisas sistematizadas nesta região, apenas algumas prospecções em áreas próximas de Parintins. Entretanto, sabe-se pelas poucas visitas de arqueólogos as comunidades tradicionais de São Paula de Valéria e Santa Cássia, que ali existe terra preta arqueológica, com uma considerável quantidade de fragmentos cerâmicos indígenas. Nos artigos estudados (FONSECA, 2010; LIMA et al. 2013), é possível identificar que muitos dos artefatos dessas comunidades são estilisticamente Konduri, ou seja, a forma e o estilo decorativo atribuído ao povo Conduri.

Também na pesquisa de Martins (2012), encontrou-se ocorrência de cerâmica do estilo Konduri ao lado direito do rio Tapajós, aproximadamente 200 km de Santarém. Segundo a autora, existe a possibilidade de ser um assentamento Conduri ou algum outro grupo indígena que praticava algum tipo de intercâmbio cultural com os Tapajó e os Conduri (são necessários mais estudos a esse respeito).

Mesmo ainda sendo necessários mais estudos, podemos levantar o debate de que tal grupo indígena possuísse um território maior do que se imaginava anteriormente. Pois o sítio há cerca de 200 km de Santarém, estudado por Martins (2012), é caracterizado como habitação, além de observar que os artefatos líticos¹⁴ possuem maior expressão e refinamento técnico do que a cerâmica, levantando a hipótese de serem do mesmo grupo étnico dos rios Trombetas e Nhamundá, mas com suas próprias especificidades regionais, no caso, melhores produtores de artefatos líticos, como lâminas de machado.

A arqueologia apresenta a área de interflúvio entre o Trombetas e o Nhamundá como uma região que foi densamente povoada, com assentamentos lacustres, ou seja, ribeirinhos, que estavam interligados com assentamentos mais ao interior da área de terra firme, e que estavam distribuídos ao longo de toda aquela província. Segundo Vera Guapindaia (2008) na região entre o

¹⁴ Instrumentos, como lâmina de machadinho, ponta de flecha ou lança, feitos de quartzo, sílex e outros minerais manipulados pelo homem.

rio Trombetas e o Nhamundá existem 38 sítios de terra preta¹⁵ com material arqueológico em regiões de lagos e 9 em rios; 26 em terras baixas e 5 em topo de platô, totalizando 78 sítios arqueológicos de grandes dimensões identificados no Projeto Porto Trombetas.

Além disso, a autora apresenta diferentes funções para os diversos sítios, como sendo os ribeirinhos com características de habitação, os de terra firme, como habitação e acampamento, ou seja, locais utilizados temporariamente (para caça talvez), e os em topo de platô, como acampamentos. Porém um deles possui características especiais, o sítio Greig II, foi um possível local para cerimônias e ou rituais. O arqueólogo Marcos Magalhães (2013) foi quem estudou melhor este sítio e o caracterizou como local de natureza cerimonial, devido suas evidências de cultura material (cerâmica muito decorada) e laudos botânicos que indicam a presença de um número considerável de plantas úteis e medicinais, algumas com propriedades alucinógenas e plantas com frutos comestíveis, todos concentrados no topo do platô.

Além desses, existem os sítios investigados por Peter Hilbert (1955; HILBERT & HILBERT, 1980) e outros a quem faz referências, como Frei Protásio Frickel que apresentou 41 sítios de terra preta, ou seja, totalizando em 120 sítios na região do rio Trombetas e Nhamundá.

Entre 1871 e 1874 o botânico João Barbosa Rodrigues, a mando do Governo Imperial foi explorar as regiões do rio Tapajós, Trombetas e Nhamundá, relatou ter encontrado na serra dos Canurys, artefatos que este atribuiu aos indígenas Cunurys e Uaboys (GUAPINDAIA, 2008). Desta forma a arqueologia confirma que ali realmente existiam assentamentos indígenas de grande densidade demográfica e estes indígenas se utilizavam do território de várias formas, somando com os relatos de viajantes e missionários que descreveram grandes aldeias as margens do rio Amazonas e seus afluentes, além das considerações que estes deram sobre aldeias e assentamentos no interior das florestas e a existência de grupos indígenas que produziam muita cerâmica ricamente decorada.

O mais interessante é que as narrativas dos Tukanos e Dessanas sempre atribuem ao nome Cunuri um igarapé, rio e fruta. E os viajantes e missionários afirmavam que os Conduri possuíam este nome por viverem no rio homônimo.

¹⁵ Terra preta arqueológica ou “terra de índio”, é uma terra de coloração escura por possuir rica presença de elementos, como magnésio, cálcio e manganês; que fertilizam a terra e dão sua coloração, quase sempre acusando a presença de artefatos arqueológicos utilizados pelas populações indígenas antigas.

Podem-se encontrar mais referências lacônicas ao nome do grupo indígena aqui estudado em algumas narrativas dos Dessana¹⁶, onde se atribui a um rio o nome de Cunuri, e que seria o mesmo nome da nação que ali viveu em um passado remoto. Porém, o mito refere-se a uma localidade geográfica diferente da que trabalhamos aqui (rio Nhamundá), a localização é próxima ao rio Uaupés (FERNANDES & FERNANDES, 1996).

Também em outra narrativa, o nome Cunuri é citado, quando uma mulher grávida, filha de Diá-pirõ (um heróis mítico dos Tukano) vai à procura de uma fruta chamada Cunuri, próximo a um igarapé de mesmo nome, sendo no mito, um afluente do rio Uaupés.

Cunuri é o nome de uma fruta (*Cunuria Spruceana Baill*) em que a semente possui propriedades venenosas, porém não se sabe o porquê do rio Nhamundá ter sido chamado assim pelos viajantes e ou pelos nativos, não há como saber no momento (com o presente estudo) se este nome era atribuído aquele rio por outros grupos indígenas ou se era como o próprio grupo Conduri batizava.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contudo isto, podemos sintetizar que os Conduri foram uma nação que habitou extensamente, entre o século X e XVIII a área onde hoje é o rio Trombetas e Nhamundá, além de algumas áreas ao lado sul do rio Amazonas. Possuíam larga produção de cerâmica e acredita-se que possuíam uma forte relação de intercambio cultural com o grupo Tapajó. Sua distribuição se estendiam em habitações ribeirinhas, em terra firme, nas encostas e topos de platôs. Possuíam um ambiente específico, cerimonial de características especiais por apresentarem vegetação de natureza antropogênica¹⁷, com plantas medicinais e comestíveis, no topo de um platô (Greig II).

Ainda não é possível ser feita a diferença entre os Conduri e outros grupos citados na mesma área como, os Uaboy, Jamundazes e Pauxis, pois vários desses nomes foram rótulos representativos dos aldeamentos em que diversos grupos eram concentrados e misturados. Os indígenas eram classificados de formas muito genéricas pelos europeus, porém muito do que os viajantes listaram sobre a cultura material desses povos da Amazônia, coincidem com os estudos arqueológicos, dando maior poder de análise sobre o discurso dos viajantes e missionários da

¹⁶ Povo indígena do Rio Negro, localizado próximo a fronteira do Brasil com o Peru.

¹⁷ Ambiente manipulado pelo homem.

Amazônia colonial. Mais estudos sobre essa região do Nhamundá e Trobetas o grupo Conduri são necessários, pois são ricas as fontes que podem explicar o processo da formação de várias cidades da região (como Oriximiná, Terra Santa, Faro, Óbidos, etc.) e os próprios costumes indígenas da Amazônia, muito para além do que foi apontado pelos europeus no processo de colonização, auxiliando na desconstrução de uma imagem eurocêntrica de índios de forma genérica, de selvageria, preguiça e ingenuidade desses povos, que muito são representados como bárbaros ou simples vítimas, não como ativos nos conflitos e negociações políticas da colônia, como protagonistas de sua própria história.

As evidências arqueológicas apresentam um território, as cosmologias indígenas apresentam outro território e os relatos de viajantes e missionários apresentam uma terceira noção do território Conduri, o diálogo pode manter as três noções de território ou pode criar uma noção teórico/científica de território a partir das três fontes ou noções. Acreditamos que ainda é muito cedo para a última alternativa, este trabalho e suas fontes não comportam a complexidade para criar esta possível quarta noção do território Conduri, mas apresenta as fontes e trabalha a noção do território indígena a partir dos relatos de viajantes e missionários, o que abre o debate e reflexão para o diálogo interdisciplinar destas fontes e métodos, pois para se construir novas noções de história e cultura indígena, isto é extremamente necessário.

REFERÊNCIAS

ACUÑA, C. *Novo descobrimento do grande rio das Amazonas*. In. *Descobrimiento do rio das Amazonas*. (Brasiliense série 2ª, vol. 203). SP. Cia. Ed. Nacional. 1941.

BETTENDORFF, J. F. *Chronica da missão dos padres da companhia de Jesus no Estado do Maranhão e Grão Pará*. Belém, Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves/Secretaria de Estado da Cultura. 1990.

CAMILO, Janaina. *Em busca do país das Amazonas, o mito, o mapa, a fronteira*. Anais do I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica, 2011, p. 01-12.

CARVALHO JUNIOR, Roberto Zahluth de. *Espíritos Inquietos e Orgulhosos : Os Frades Capuchos na Amazônia Joanina (1706-1751)*. 2009. 161f. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, 2009.

CARVAJAL, G. *Descubrimiento Del rio de las Amazonas, por El capitán Francisco de Orellana. Relacion de Gaspar de Carvajal. Agosto de 1542*. Según la edición y notas de M^a de las Nieves Pinillos Iglesias. Realizada para Babeliaen agosto de 2011.

- CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. DIFEL- difusão editorial Ltda. 1990.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. *A inconstância da alma selvagem: e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.
- COELHO, Geraldo Mártires. *Natureza, Iluminismos e Iluministas na Amazônia*. Revista Estudos Amazônicos, vol. III, nº1, p. 65-92. 2008
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC. 1999.
- CUNHA, Carneiro da et all. *História dos Índios no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- FERNANDES & FERNANDES, *A mitologia sagrada dos Dessana*, vol. 02, 1996.
- FREITAS, Ludmila Gomides. *O conceito de bárbaro e seus usos nos diferentes projetos coloniais portugueses para os índios*. Seculum – Revista de História, nº24; João Pessoa, jan./ jun. 2011, p. 125-138.
- FONSECA, Antônio Picanço. *(Eco)turismo e territorialidade: A (In) sustentabilidade na Boca da Valéria/ Parintins-AM*. Dissertação de mestrado na Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2010.
- GOMES, Denise. M. C. *Cerâmica Arqueológica da Amazônia: vasilhas da coleção tapajônica MAE-USP*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.
- GUAPINDAIA, Vera Lúcia C. *Fontes históricas e arqueológicas sobre os Tapajó de Santarém: A coleção “Frederico Barata” do Museu Paraense Emílio Goeldi Volume II*. Mestrado em História. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1993.
- _____. *Além da Margem do Rio - A Ocupação Konduri e Pocó na Região de Porto Trombetas, PA*. 194 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2008.
- GUAPINDAIA, Vera; MAGALHÃES, Marcos P.; AIRES DA FONSECA, João. *Programa de Estudos Arqueológicos em Porto Trombetas*. Ms. Inédito, 31f. MPEG, Belém, Março/2010.
- HERIARTE, M. *Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e rio das Amazonas*. Vienna d’Autria, Carlos Gerold. 1874.
- HILBERT, Peter Paul. *A cerâmica arqueológica da região de Oriximiná*. Vol. 9. Belém, Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, 1955 a.
- HILBERT, Peter Paul, HILBERT, Klaus. *Resultados preliminares da pesquisa arqueológica nos rios Nhamundá e Trombetas, Baixo Amazonas*. Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi, Belém, (Nova série Antropologia), 1980.

MARTINS, Cristiane Maria Pires. *Arqueologia do baixo tapajós: ocupação humana na periferia do domínio tapajônico*. Dissertação de mestrado PPGA-UFPA, Belém, 2012.

MARTINS, Maria Cristina Bohn. *Descobrir e redescobrir o rio da Amazonas*. Revista de História, vol. 156 (1º semestre de 2007), p. 31-57.

MAGALHÃES, Marcos P. *Evolução antropomorfa da Amazônia*. Revista de História da Arte e Arqueologia, nº12, 2009.

_____. *Território cultural e a transformação da floresta em artefato social*. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 8, n. 1, p. 113-128, jan.-abr. 2013.

LIMA, Helena. et. al. *“Tráfico” de material arqueológico, turismo e comunidades ribeirinhas: experiências de uma arqueologia participativa em Parintins, Amazonas*. Revista de Arqueologia Pública, n.8, Dezembro, 2013.

OLIVEIRA, Luciana de Fátima. *O conceito de território e o primeiro processo de territorialização do Estado do Maranhão e Grão Pará – Século XVII*. Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia, ano 1, N.1, Dezembro 2010, p. 26-35.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. 2ª Ed. São Paulo, Editora Contexto, 2006.

PORRO, Antônio. *O povo das águas*. Ensaios de etno-história amazônica. RJ, ed. Vozes, Petrópolis, 1996.

_____. *Notas sobre o antigo povoamento indígena do alto Trombetas e Mapuera*. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 3, n. 3, p. 387-397, set.- dez. 2008.

REDE, Marcelo. *História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material*. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N.Sér.v.4 p.265-82 jan./dez. 1996.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. *História de Óbidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL; Belém: Governo do Estado do Pará, 1979.

SOUZA, Laura de Mello. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*, feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. Companhia das Letras, 2003, p. 21 -83.

Submissão: 29 de agosto de 2017

Avaliações concluídas: 08 de abril de 2018

Aprovação: 24 de abril de 2018

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

CASTRO, L. P. S. Índios Conduri: Sob O Olhar De Viajantes E Missionários Na Amazônia Colonial. *Revista Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 18, N. 01, p. 196-216 de 269, jan./jun., 2018. Disponível em:

<<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>> Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >